

# bancárias! em luta

BASTA DE  
VIOLÊNCIA!

SINDICATO DOS  
**bancários**  
DE SANTOS E REGIÃO

MULHERES DA  
**INTERSINDICAL**  
Central da Classe Trabalhadora

Informativo do coletivo de bancárias do Sindicato dos Bancários de Santos e Região

Junho de 2016

## Previdência

Reforma é um ataque cruel aos direitos da classe trabalhadora

pág. 4



## 8 de março

Data faz memória das lutas feministas

pág. 3

# Um jornal feito para todas e todos

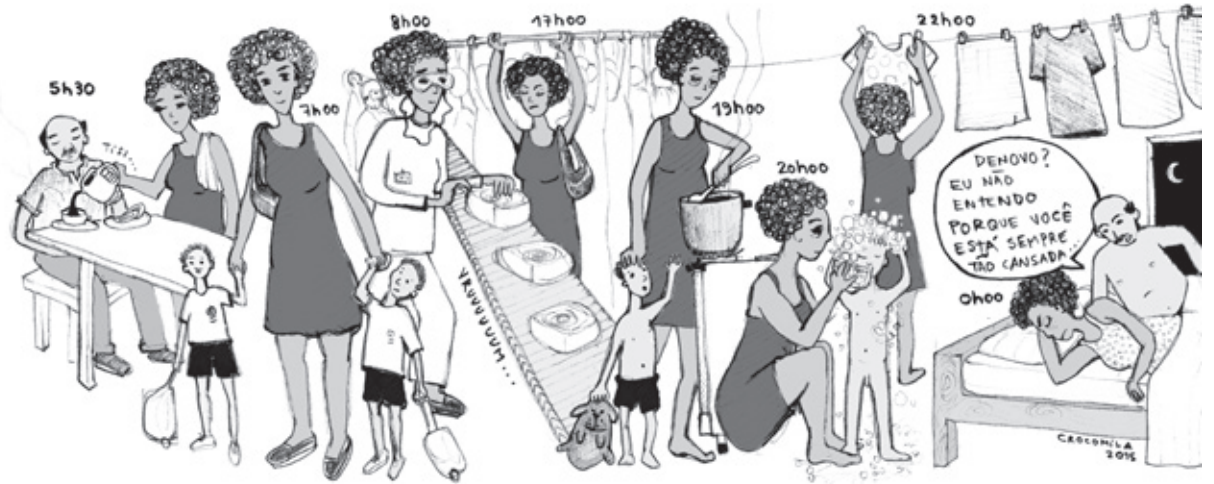
Durante as últimas décadas houve grande inserção feminina no mundo do trabalho, o que representa, evidentemente, uma conquista das mulheres. Entretanto, ainda nos deparamos com desafios a serem superados que advêm da sociedade patriarcal, misógina, racista e capitalista na qual vivemos.

O jornal "*Bancárias em Luta*" vem no sentido de abordar e discutir temas em que as mulheres são as protagonistas, mas que são do interesse de todos, mulheres e homens, para a busca da superação das desigualdades e da construção de uma sociedade justa.

Especificamente no setor bancário, pesquisas apontam que mesmo com nível de escolaridade superior ao dos homens, as mulheres recebem menor salário, inclusive para a mesma função, estão em muito menor número em cargos de direção e permanecem menos tempo nos bancos. Além de serem mais suscetíveis ao assédio moral e sexual.

## Diferentes níveis de desigualdade

As desigualdades sofridas pelas mulheres variam conforme suas características e trajetórias. As negras não constituem presença significativa na categoria bancária, a não ser nas funções de limpeza e segurança nas empresas terceirizadas.



Na vida pessoal, muitas mulheres são vítimas de violência moral e às vezes física imposta por seus companheiros. **A violência doméstica é responsável pela morte de cinco mulheres por hora no mundo**, segundo estudos da ONG Action Aid a partir de dados das Nações Unidas.

Às mulheres cabe, ainda, em maior medida, o cuidado com a família, filhos, idosos e doentes, impondo a estas a sobrecarga da dupla jornada de trabalho.

Seja na vida pessoal, profissional ou social a sociedade espera das mulheres certas características físicas, morais e emocionais e padrões de comportamento, com prejuízo de marginalização e forte julgamento àquelas que não se enquadram nestes padrões.

A este conjunto de elementos, e não só estes, que, em geral, as mulheres estão submetidas (desigualdade de oportunidade, assédio, violência moral, física, imposição de papéis e de comportamentos) chamamos de opressão.

Opressão contra as mulheres exercida por uma sociedade patriarcal que também é capitalista. Ou seja, a opressão tem um papel bem definido na sociedade capitalista, o de possibilitar que as mulheres sejam mais exploradas.

Entender a dinâmica e os elementos constitutivos da nossa sociedade são fundamentais para possibilitar o enfrentamento de tantos desafios.

E este jornal é nossa modesta contribuição para a emancipação das mulheres.

## O que é a "Cultura do estupro"?

"Cultura do Estupro" vem do termo "Rape Culture" que foi inicialmente utilizado pelas feministas dos Estados Unidos, na década de 70. O termo "cultura do estupro" foi desenvolvido a fim de mostrar como a sociedade culpava as próprias vítimas de abuso sexual e normalizava a violência sexual contra a mulher.

A cultura do estupro é um conjunto complexo de crenças que encorajam agressões sexuais masculinas e apoiam a violência contra a mulher.

Na cultura do estupro, as mulheres vivem uma continuidade de ameaças violentas todos os dias que podem começar por cantadas de rua (assédios verbais com conotações sexuais) e levar até a assédios físicos e/ou até mesmo ao estupro.

A cultura do estupro está nas imagens, na linguagem (piadas, gírias, expressões etc), nas leis, na TV – filmes, séries, propagandas, comerciais e em outros fenômenos cotidianos que nós vivemos e testemunhamos todos os dias que fazem

a violência contra a mulher parecer algo normal e nós acabamos acreditando que o estupro é uma coisa inevitável; que isso é "apenas a forma como as coisas são".



# Lutas das mulheres deram origem ao 8 de março

A história da luta das mulheres e da criação do Dia da Mulher é objeto de muitos livros e artigos. É uma história longa e que vem de longe. Do século passado. Para se ter uma ideia da extensão desta luta, vamos voltar ao ano de 1910. A decisão de criar o Dia da Mulher foi tomada há quase 100 anos. Em agosto de 1910, mulheres reunidas na Conferência das Mulheres Socialistas, na Dinamarca, decidiram criar o Dia da Mulher. Na ocasião, não ficou decidido qual seria este dia. O mês de março foi escolhido ao acaso.

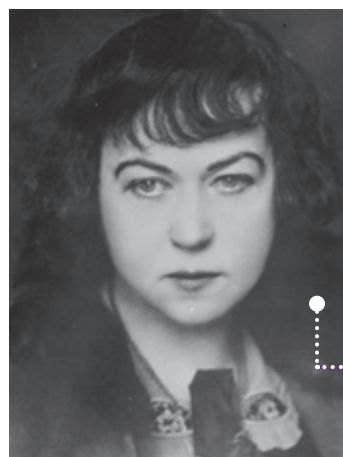
E como se chegou ao 8 de março? No dia 23 de fevereiro de 1917 pelo calendário russo, que correspondia ao 8 de março no calendário ocidental, mulheres tecelãs da Rússia começaram uma greve que mudou completamente os rumos da política do país. Em 1921, a Conferência das Mulheres Comunistas, realizada em Moscou, adota o dia 8 de Março como data unificada do Dia Internacional das Operárias. A partir desta data, os socialistas espalham pelo mundo o 8 de março como data das comemorações da luta das mulheres.

A história desta greve ficou esquecida durante muito tempo. E uma nova versão do 8 de março começou a circular entre o movimento feminista e o movimento dos trabalhadores. Uma história triste que falava de uma greve, ocorrida no ano de 1857, em Nova Iorque, na qual 129 operárias têxteis haviam morrido queimadas após o patrão ter ateadado fogo à fábrica.

Não existem dados históricos que comprovem o relato do incêndio em 08 de março de 1857, mas há uma versão que relata que nesta data foi realizada uma marcha por melhores condições de trabalho, diminuição da carga horária (a jornada de trabalho feminino chegava a 16



horas diárias) e igualdade de salários já que a mulher ganhava 60% menos que o homem. Uma das versões do desfecho da marcha é que a polícia interrompeu a passeata com violência.



Posteriormente, duas greves da classe operária feminina em Nova Iorque marcaram a história. A primeira greve geral foi de costureiras, que durou de 22 de novembro de 1909 até 15 de fevereiro de 1910.

A segunda foi no começo do século XX, em 29 de setembro de 1911. Nesta greve foi registrada a morte de 146 pessoas, na maioria mulheres imigrantes judias e italianas. As mortes foram durante um incêndio causado pela falta de segurança nas péssimas instalações de uma fábrica têxtil.

Esse fato foi citado, em diversos jornais da época, como um crime cometido pelos patrões

capitalistas. Ele indica a pista do nascimento do mito do incêndio da greve de 1857.

Além das várias ações das trabalhadoras europeias, especialmente denunciando as péssimas condições de trabalho e pelo direito de voto, tivemos o ativismo fundamental das operárias russas que desembocou na revolução socialista russa, em 1917, tendo como liderança a feminista Alexandra Kolontai.

Também no Brasil, a greve de 1917 das trabalhadoras e trabalhadores do Cotonifício Crespi, com cerca de 80% das mulheres, na Mooca, em São Paulo, abre o chamado sindicalismo brasileiro após o período de escravidão.

Depois de um século de lutas, tivemos muitas conquistas. Porém, estamos longe da igualdade entre homens e mulheres, até porque o nosso feminismo tem lado, e é o lado da classe trabalhadora, - não são quaisquer homens e mulheres, - e também tem raça, - não num sentido biológico. O nosso feminismo é classista, que pressupõe transformar a nossa sociedade através das suas estruturas econômicas, que se sustentam também no patriarcado e no racismo.

(referência: *Origens do Dia da Mulher* – Vito Giannotti)



# Reforma da Previdência está baseada em falso déficit

A reforma da Previdência é um ataque direto e cruel aos direitos do trabalhador e da trabalhadora. O tão falado déficit da previdência não passa de manobra política de governos neoliberais para justificar maior exploração da classe trabalhadora e enriquecer os setores financeiros.

Em 2014, as contribuições criadas e destinadas só para a Seguridade Social somaram R\$ 686 bilhões. Foram gastos, aproximadamente, no período:

- 🕒 R\$ 394,2 bi com benefícios previdenciários;
- 🕒 R\$ 37,6 bi com benefícios assistenciais administrados pelo INSS;
- 🕒 R\$ 26,2 bi com benefícios de transferência de renda (bolsa família);
- 🕒 R\$ 94,2 bi com serviços, ações e programas de saúde
- 🕒 R\$ 51,8 bi com o FAT;
- 🕒 R\$ 10,9 bi com ações de Seguridade Social desenvolvidas por outros ministérios;
- 🕒 R\$ 17,2 bi com demais despesas.

O total de gastos em 2014 somou R\$ 632,1 bi. Restaram R\$ 53,9 bi e quase tudo foi realocado por meio da DRU (Desvinculação das Receitas da União) que permite que o governo aplique onde quiser 20% das receitas sociais. Ou seja, recursos que deveriam atender as necessidades da população são direcionados ao pagamento da dívida pública.



Atualmente não há idade mínima para se aposentar, os trabalhadores podem requerer o benefício com 30 anos de contribuição (mulher) e 35 anos (homem). Para receber o benefício integral é aplicada a fórmula 85/95 e há a opção de receber com o fator previdenciário, que reduz o valor dos benefícios.

## 65 anos

Com a nova proposta, cria-se a idade mínima de 65 anos para homens e mulheres, prejudicando quem entra mais cedo no mercado de trabalho. Além disso, torna-se uma medida socialmente complicada, pois a maior parte da população não consegue permanecer no mercado de trabalho até os 65 anos, isso porque tem dificuldade de manter emprego formal e as contribuições ao INSS. Esta proposta nos remete a Lei dos

Sexagenários imposta aos escravos: liberdade somente quando ficar inviável economicamente.

Para as mulheres o efeito é mais nefasto, pois elas têm a dupla jornada. Além de trabalhar fora, há os cuidados com a casa, filhos, idosos e doentes. Terão que esperar mais para requerer o benefício e sabe-se o quanto é difícil manter-se no mercado de trabalho, pois não há proteção social para isto. Não é privilégio para a mulher aposentar-se antes e sim reconhecimento de que a carga é maior.

É irresponsabilidade estabelecer idade mínima em um país com dimensões continentais e profundas desigualdades regionais. A reforma da previdência é um jogo para "maquiar" a política econômica aplicada no Brasil. Um jogo que tem um interesse chamado "previdência privada".

## Mulheres de luta

### Frida Kahlo

Frida Kahlo nasceu em 6/7/1907 em Coyoacan, México. Na infância, teve poliomielite e ficou com sequelas em uma perna. Aos 18 anos, sofreu um grave acidente onde fraturou a espinha e pelve. Começou a pintar autorretratos durante a recuperação.

Aos 20 anos, Frida se filiou ao Partido Comunista Mexicano. Os temas mais comuns de suas pinturas eram ela mesma, seu sofrimento e sua sexualidade. Sua arte não era fruto de um "instinto feminino", mas sim da condição imposta a ela enquanto mulher.

